



# AULA 3

## O EDUCADOR E O SEU PROCESSO CRIATIVO

Autora: Profa. Dra. Sumaya Mattar



## APRESENTAÇÃO DA PROFESSORA

Há vinte e oito anos sou professora, vinte e um dos quais estive vinculada fundamentalmente à Educação Básica e à escola pública, embora paralelamente atuasse também em instituições privadas, seja como professora de Arte no Ensino Fundamental e Médio, seja como docente em cursos de Licenciatura em Arte. Neste longo período, tive a oportunidade de trabalhar com todas as faixas etárias e em todos os níveis de ensino. Dos bem pequenos aos mais velhos. Da Educação Infantil ao Pós-Graduação, passando por inúmeros cursos de formação de professores. Há sete anos sou docente do Departamento de Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde leciono na graduação e na pós-graduação, realizo projetos no âmbito do estágio supervisionado, coordeno cursos de extensão, oriento pesquisas em nível de mestrado e doutorado e desenvolvo investigações sobre a aprendizagem artística e a formação de professores. Não sei o momento exato em que teve início o processo por meio do qual constitui-me, a um tempo, professora e pesquisadora, mas sei que absolutamente tudo o que desde criança vivenciei, bem como as pessoas com quem convivi, aí incluídos meus professores e meus alunos de todas as épocas e lugares pelos quais passei, fazem parte deste processo. De fato, os papéis de professora e de pesquisadora não estão e nunca estiveram separados em minha vida. A práxis educativa sempre forneceu os problemas e as hipóteses de minhas pesquisas, bem como um espaço para criação e experimentação didática, enquanto que os processos de investigação propiciaram conhecimentos fundamentais que me ajudaram a reavaliar meus pressupostos e a minha maneira de trabalhar e, à luz da crítica e da reflexão, a transformá-los, o que efetivamente vem acontecendo desde o dia em que ministrei minha primeira aula. Trata-se de uma genuína busca pessoal pela autoria, algo fundamental a ser conquistado e exercido pelos educadores em sua práxis diária. Este texto é um convite à reflexão sobre as relações entre os desafios postos à docência da arte na contemporaneidade a partir de uma perspectiva humanística.





## Aula 3: O educador e o seu processo criativo

*Janto com Nicole e Adoum.*

*Nicole fala de um escultor que ela conhece, homem de muito talento e fama. O escultor trabalha em um ateliê imenso, rodeado de crianças. As crianças do bairro são seus amigos.*

*Um belo dia a prefeitura encomendou-lhe um grande cavalo para uma praça da cidade. Um caminhão trouxe ao estúdio um bloco gigante de granito. O escultor começou a trabalhá-lo, a golpes de martelo e cinzel. As crianças o observavam.*

*Então as crianças partiram, de férias rumo à montanha ou ao mar.*

*Quando regressaram, o escultor mostrou-lhes o cavalo terminado. E uma das crianças, com os olhos muito abertos, perguntou:*

*- Mas... Como você sabia que dentro daquela pedra havia um cavalo?*

*Eduardo Galeano*

*Introdução à História da Arte*, este pequeno e belo texto de Eduardo Galeano (2011, p. 185), faz referência a um campo que remonta a tempos imemoriais.

A pergunta de uma das crianças - *Mas... Como você sabia que dentro daquela pedra havia um cavalo?* - fruto de seu espanto e encanto com a novidade gerada pelas mãos do amigo escultor - nos lança à espiral do tempo da história da Humanidade, cujo cerne é a herança de significados compartilhados pelos membros de um grupo social, qual seja, a *cultura*.

Deste multicolorido tecido pelo qual estamos todos envolvidos, fazem parte não apenas os objetos materiais produzidos por homens e mulheres ao longo dos séculos, como também o patrimônio imaterial, ou seja, tudo o que constitui as sociedades humanas: modos de produção econômica; organização social, política e jurídica; mitos, ritos e crenças; língua; invenções e criações científicas, filosóficas e artísticas, entre outros, conforme nos explica Laraia.



O homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. (2001, p. 45).



É por meio das camadas, dobras, texturas e reentrâncias deste multicolorido tecido e de seu contínuo movimento que homens e mulheres comunicam-se entre si, partilham desejos e experiências, mobilizam atitudes, inventam, criam e atribuem significado às suas existências.



“

A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2001, p. 45).

”

A arte ocupa um lugar especial no patrimônio cultural da humanidade. Olhando à nossa volta, constatamos que vivemos rodeados de enorme quantidade de objetos, seja em casa, no trabalho, na sala de aula ou nos mais diversos lugares.

Muitos desses objetos têm uma determinada finalidade, como os utensílios domésticos ou os instrumentos de trabalho, tais como ferramentas, lápis, calculadora, máquinas e computadores, criados ao longo dos tempos para facilitar o trabalho e/ou ajudar o ser humano a superar a limitação de seus corpos.

Homens e mulheres, entretanto, não criam objetos apenas para deles se servirem de forma utilitária e/ou instrumental, mas também para expressarem seus desejos, seus sentimentos diante da vida e sua visão de mundo.

Tais criações constituem as obras de arte que, juntamente, com as demais produções das sociedades humanas, ajudam a contar a história pretérita e, certamente, ajudarão os homens do futuro a compreenderem o período em que hoje vivemos.

Oscar Wilde<sup>1</sup>, em: “O Retrato de Dorian Gray”, afirma que Toda arte é completamente inútil. (2012, p.6).

Estaria ele querendo dizer que a arte não é necessária?

Ao contrário disso, ao evidenciar o caráter não utilitário da arte, que ela não tem, em nossa vida, um papel prático, instrumental, Wilde nos faz pensar que dela necessitamos não por sua utilidade, mas, talvez, porque, por meio dela, damos um testemunho de nossa existência, marcamos nossa passagem pelo mundo.

Ligadas aos momentos históricos, sociais e científicos nos quais foram produzidas, as obras de arte relacionam-se aos princípios, planos de valor e formas de representação de seus produtores. Elas podem retratar, por exemplo, elementos do meio natural – como nas pinturas rupestres pré-históricas; expressar sentimentos religiosos do ser humano, como na antiguidade egípcia e grega e na arte medieval e renascentista; denunciar ou retratar questões sociais – como nas pinturas de Portinari e Siqueiros, ou ainda, colocar em discussão questões relativas à própria arte, tais como procedimentos técnicos, emprego de materiais, e até mesmo a função da arte e o papel do artista, como fez a arte moderna e o faz a arte contemporânea.

De todo modo, a arte é uma necessidade do ser humano e talvez seja essa a principal razão para o fato de a expressão artística existir desde a Pré-História e ainda permanecer nos dias atuais, sobrevivendo ao longo da história.

1 Oscar Wilde falecido no ano de 1900, nasceu em Dublin, Irlanda, em 1854. Escreveu novelas, poemas, contos infantis e dramas. Seu único romance, “O Retrato de Dorian Gray”, é uma das mais importantes obras da literatura inglesa.



As obras de arte promovem encontros e nos colocam em conexão com outros seres humanos, mesmo que esses estejam muito distantes de nós no tempo e no espaço.

Seja no âmbito da produção ou da fruição, a arte revela o indizível sobre nossa condição humana e nos ajuda a significar a vida e a exercitar nossa inventividade e capacidade criadora.

Por essa razão, o lugar ocupado pela arte, no amplo tecido cultural, é especial, mas ainda assim, as obras de arte não devem ser encaradas como algo extraordinário, pois que estão profundamente integradas à cultura das sociedades humanas, assim como tudo aquilo que seus membros produzem, como já foi mencionado.

Do mesmo modo, o artista também não deve ser considerado como alguém especial, *um gênio*, dotado de uma capacidade extraordinária para criar, que estaria ausente nas demais pessoas. Tal visão romântica de arte e de artista não sobrevive nos dias atuais.

O ofício da arte exige estudo, dedicação e muito trabalho, além disso, todas as pessoas podem desenvolver sua imaginação e seu potencial criador, desde que a elas sejam oferecidas oportunidades. Este é o papel da educação, em especial, do ensino da arte.

É sobre isso que, por meio de seu texto *Introdução à História da Arte*, Eduardo Galeano nos faz refletir.

Pelos olhos e voz do menino – e pelas mãos do escultor – somos levados a refletir sobre a relação das experiências artística e estética com a imaginação e a existência humana. Ao mesmo tempo, refletimos sobre o papel social da educação, em especial, o da escola, em sua responsabilidade de garantir aos jovens oportunidades para fruírem os bens culturais produzidos desde tempos imemoriais e para que eles próprios, com suas mãos e inteligência, prossigam a necessária confecção do tecido cultural, nele deixando registrados seus próprios testemunhos.

Mas de que maneira o ensino da arte pode contribuir para que o educando sinta-se apto e desejoso de se lançar à urdidura do tecido cultural, tornando-se sujeito de sua própria história?

Voltemos ao conto de Galeano.

Assim como ocorre com toda obra de arte, o enorme cavalo de granito só se torna real como objeto de conhecimento quando compartilhado com outros seres humanos, neste caso, as crianças.

Mediadas pelo adulto – o próprio artista – as crianças têm a oportunidade de apreciar a escultura em sua grandeza e completude – seja como objeto simbólico, seja como prova material da capacidade inerentemente humana de imaginar e de agir de forma inventiva e transformadora sobre os meios físico, social e material.

Em sua forma e conteúdo, o cavalo traz consigo elementos fundamentais para a compreensão do momento histórico, social e cultural em que as crianças vivem; do mesmo modo, ele oferece conteúdos pertinentes à própria arte como campo específico de conhecimento, um processo inerentemente educativo.



De fato, é por meio da educação que os significados construídos historicamente - dos quais os bens simbólicos, sobretudo as obras de arte, são portadores - podem ser apropriados e consequentemente ressignificados pelos sujeitos, um movimento absolutamente necessário à tarefa maior que está posta à educação, qual seja, a de humanização.

Não há dúvida de que a escola não é a única instância criada pela sociedade para educar seus membros, todavia, ela ocupa um insubstituível papel nesta tarefa.

Quando não assume seu papel social, a escola acaba por contribuir exatamente para o contrário, ou seja, para que os educandos sintam-se excluídos do tecido cultural e não se vejam participantes ativos de sua contínua urdidura. Os professores têm grande responsabilidade nisso.

Quando não se lançam à aventura da criação e se contentam em ser reprodutores de teorias e de metodologias que não passaram pelo crivo da sua reflexão crítica, os professores pouco a pouco deixam de exercitar a imaginação, de permitirem-se experimentar e de se lançarem, em sua práxis diária, a novas formas de pensar e de conduzir o trabalho educativo com seus alunos.

Aos olhos dos educandos que sofrem as consequências de práticas pedagógicas reiterativas e ausentes de significado, o *tecido cultural* pode parecer desbotado e sem viço, um tecido *velho*, que não se renova nem no ato da confecção nem no ato da contemplação.

Isso também ocorre no campo do ensino da arte. Quando afastada de sua dimensão cultural, a aula de arte pode servir para muitas coisas, menos para promover e legitimar a arte como genuíno campo de experiência e de conhecimento.

Sob pena do tecido genuinamente colorido e atraente, esse sim capaz de reverberar a teimosia e a ação criadora do homem sobre o mundo, ficar escondido em algum armário trancado e perdido pela escola, cuja chave todos dizem não saber onde está, a experiência criadora deve fazer parte dos planejamentos e das práticas educativas dos professores que trabalham com todas as faixas etárias.

Não é preciso distanciar-se do universo dos alunos para o professor vivenciar e propor experiências com a arte com tal qualidade, já que ali mesmo, nos locais e comunidades em que as escolas se situam, podem ser encontrados inúmeros elementos materiais e imateriais capazes de acionar processos de criação didática individuais e coletivos e gerar propostas de trabalho inovadoras e significativas para todos, professores e alunos.

A chave de experiências significativas com a arte na escola está, portanto, nas mãos dos próprios professores. E talvez eles nem precisem de chave para abrir as portas do armário e propiciar aos olhos sedentos dos educandos a *alegria cultural, papel maior da escola*, como já nos lembrava Snyders.

Transformar a matéria oferecida pela natureza e pela cultura dando-lhes novas formas é um dos trabalhos da arte.

Porta-voz do novo, do único e do universal, as obras de arte permitem que educadores e alunos realizem sua natureza inerentemente criadora.



Nesta perspectiva, o professor assume o papel de porta-estandarte da arte e da cultura, pois além de levar nas mãos o arqui milenar tecido confeccionado por seus ancestrais, também o acena de modo vivaz ante os olhos deslumbrados de seus alunos, ao mesmo tempo em que os convida a descobrir suas sutilezas e a continuarem a confeccioná-lo.

Assim como o escultor mostrou aos seus pequenos amigos o cavalo de granito, provocando estranhamento e encantamento, o professor pode propor aos aprendizes experiências estéticas e artísticas que permitam a eles vivenciarem a arte em sua dimensão histórica, social, sensível, imaginativa, perceptiva, cognitiva e produtiva, seja a partir de conteúdos pertinentes ao universo cultural deles, seja colocando-os em contato com códigos culturais com os quais não estão familiarizados.

Muitos educadores, conscientes de seu insubstituível papel, abrem os armários e, com seu gesto libertador, permitem que os aprendizes acessem nada mais que o *Mundo*. Pode-se dizer que tais professores são autores e portadores de projetos *poético-pedagógicos* (MATTAR, 2010), dos quais fazem parte projetos amplos, como os sociais e os educacionais, e projetos igualmente importantes, ainda que de menor amplitude, que são os projetos de seus alunos e de outros atores que compõem a cena escolar.

Concebido, revigorado e efetivado em sua práxis diária criadora, o projeto poético-pedagógico lança o professor à eterna novidade que a arte, a educação, a prática docente e cada um de seus alunos insistem em desfilar diante de seus olhos espantados e encantados, como o menino diante do enorme cavalo de granito:

- *Mas... Como você sabia que dentro daquela pedra havia um cavalo?*

## Referências

FISCHER, Ernest. “A necessidade da arte”. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

GALEANO, Eduardo. “Dias e noites de amor e guerra”. Porto Alegre: LP&M, 2011.

LARAIA, Roque de Barros. “Cultura, um conceito antropológico”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MATTAR, Sumaya. “Sobre arte e educação: entre a oficina artesanal e a sala de aula”. Campinas: Papirus, 2010.

SNYDERS, Georges. “Alunos felizes: reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

WILDE, Oscar. “O retrato de Dorian Gray”. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.